

PERSPECTIVAS DOS ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE A LÍNGUA INGLESA

THALES DA SILVA SOUZA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO MARANHÃO UNIFACEMA

DAVID STANHY DE CARVALHO SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ (UESPI)

PERSPECTIVAS DOS ACADÊMICOS DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE A LÍNGUA INGLESA

1 INTRODUÇÃO

Vive-se em um mundo globalizado com predominância do encurtamento das fronteiras, onde aspectos como cultura, mercado, política, economia, língua, entre outros são afetados ao redor de todo o mundo, e quando se observa o mundo dos negócios, esta globalização contribui para o rompimento de barreiras que permitem que empresas atuem no mercado exterior e sejam afetadas pelos aspectos supracitados. Nesse contexto, o fortalecimento da internacionalização das empresas é acompanhado do objetivo de lucrar mais e ter menos custo em relação ao mercado interno, além de poder investir no marketing internacional e fortalecer o impacto que a marca causa.

Em meio a toda essa evolução e quebra de barreiras, a globalização padronizou e interconectou muitos processos no mundo dos negócios, e um desses pontos é a língua. Neste processo, a língua inglesa se consolidou como língua franca, ou seja, um padrão no mundo dos negócios, desde a segunda guerra mundial, onde os Estados Unidos se firmaram como a grande potência econômica e passou a influenciar cada vez mais a cultura de outros países (PIRES, 2002).

Além disso, intensificou-se no Brasil e no mundo, o processo de internacionalização do ensino superior, onde instituições buscam dar aulas totalmente em inglês utilizando o EMI – *English as a Medium of Instruction* (inglês como meio de instrução) e assim poder trazer acadêmicos estrangeiros e enviar acadêmicos brasileiros para fora. O intuito desse processo é fazer com que o Brasil evolua em relação as pesquisas científicas em diversas áreas, por exemplo, no tratamento de doenças novas, no agronegócio entre outras. Logo, o fato de existir uma língua franca ajuda a aproximar pesquisadores de todo o mundo.

Diante de todo esse cenário de mundo globalizado, internacionalização de empresas e instituições de ensino superior e da importância do segundo idioma na ciência e no mercado de trabalho, indaga-se o problema de pesquisa: Qual a visão dos acadêmicos de Administração de Caxias – MA em relação a língua inglesa para sua carreira e de que forma eles se sentem estimulados pela sua IES a evoluir nesse idioma?

O objetivo principal desta pesquisa é analisar a visão dos acadêmicos de Administração do município de Caxias - MA em relação a língua inglesa, e para alcançar este objetivo, alguns pontos apoiam este objetivo principal: discutir a relevância do inglês como língua franca no mundo dos negócios, destacar pontos em que a língua inglesa contribui para o Administrador, mostrar como o inglês é um requisito para os indivíduos que desejam seguir a carreira acadêmica e científica, e por fim, compreender se ao decorrer dos períodos os acadêmicos evoluem em relação ao inglês, esses são os objetivos específicos da pesquisa.

Em relação a proficiência da língua inglesa, o Brasil é classificado como nível moderado e o estado do Maranhão como nível baixo, e entender o contexto local contribui para o planejamento de ações educacionais necessários para o aprendizado de futuros profissionais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Globalização e internacionalização de empresas

De acordo com Held e McGrew (2001), não existe um conceito exato para o fenômeno da globalização, pois este é um processo que seus conceitos podem ser contestados e por isso existem vários, porém, é inegável que este fenômeno interligou o mundo no contexto social, político e econômico, de maneira que houvesse interação entre sociedades distantes e ações que ocorressem em um local causariam um impacto global, ou seja, vivenciou-se nas últimas décadas um mundo com fronteiras reduzidas.

Por conta dos variados conceitos, surge também diferenças em relação a origem da Globalização, alguns autores que levam em conta seu aspecto econômico acreditam que surgiu

no século XVI, já outros que refletem sobre os fatores políticos, culturais e comunicacionais acreditam que o processo surgiu na metade do século XX (CANCLINI, 2003).

O fato é que a Globalização, independente de quando surgiu, causou um impacto na economia geral, visto que junto dela surgiu os avanços tecnológicos, especialmente tecnologias da comunicação que contribuíram e contribuem para a interligação mundial, permitindo que as empresas evoluam para parâmetros internacionais, dando início a um mercado global. É nesse ponto que outro processo que caminha lado a lado com a Globalização evolui, a internacionalização. Souza e Fenili (2012) resumem essa atividade como o momento em que as empresas procuram inserir suas atividades econômicas em mercados externos, de forma gradativa, penetrando espaços geográficos além daquele onde a empresa foi criada, passando a atuar em outras nações.

No Brasil, a internacionalização de empresas também vem ocorrendo, a princípio servindo como espaço para empresas internacionais investirem, através de fusões e aquisições. No entanto, a partir do século XXI países em desenvolvimento aumentaram significativamente seus investimentos no exterior, através de exportação e investimentos diretos no exterior (IDEs) e entre eles está o Brasil, investindo principalmente em atividades de comércio e distribuição de produtos (MACADAR, 2008). Entretanto, aspectos culturais podem se tornar grandes barreiras se não forem levados em conta nos processos de penetrar mercados internacionais, como explica Cignacco (2009):

As diferenças existentes entre os aspectos culturais dos países necessitam de uma análise responsável. Deve-se definir e implementar uma estratégia de acesso que considere valores, características, hábitos e costumes estrangeiros. É necessário que o empresário tenha uma atitude de empatia (ou de colocar-se no lugar do mercado estrangeiro), considerando as particularidades culturais de cada mercado externo (CIGNACCO, 2009, p. 32).

O autor supracitado elenca algumas variáveis culturais importantes: comportamentos, crenças, valores e destaca principalmente o idioma e sua relevância no mundo dos negócios. Enfatizando esse último ponto, é possível refletir o quanto a língua é importante diante de todo o contexto até aqui citado, como esta contribui desde a origem da globalização até os dias atuais no mercado de trabalho, podendo trazer limitações a indivíduos e empresas.

2.2 O inglês como língua franca no mundo dos negócios

No mundo dos negócios, a Globalização criou profissionais globalizados, onde aqueles que trabalham em empresas internacionais inseridas no seu país e que estão em contato direto com pessoas de outras nacionalidades, estão inseridas num cenário onde a troca de informações é constante, desta maneira, dominar o inglês torna-se mais que um diferencial no currículo, dado que esse é o idioma que une pessoas de diferente origens e neste universo de empresas internacionais é imprescindível a comunicação com quem está diretamente envolvido (DOS SANTOS; DOS SANTOS, 2008).

O relatório de pesquisa da *Education First* (2021) mostra alguns dados sobre o inglês no mundo dos negócios. Segundo a pesquisa, existe relação direta entre a língua e alguns indicadores de inovação e competitividade, e constata que empresas com gestores estrangeiros e que utilizam a língua inglesa obtém mais lucro com inovações e cita que a proficiência em áreas da Administração como marketing e estratégia, independentemente do nível hierárquico, está cada vez mais alta (EF, 2021).

Assim, profissionais que não se atualizam perante a língua global terão dificuldades de crescimento em relação aos colegas de trabalho. Pilatti e Santos (2011) complementam sobre as vantagens:

Tal domínio é importante porque o profissional estará preparado a participar ativamente deste tipo de negociações, compreenderá melhor o que estiver ao seu redor e, conseqüentemente, obterá excelentes resultados pessoais e para sua empresa. Tais experiências colaboram, na verdade, não apenas com o crescimento profissional, mas

também pessoal, pois se concebe a ampliação de conhecimentos como fator de desenvolvimento (PILATTI; SANTOS, 2011, p. 11).

É possível notar que o Administrador moderno necessita de alguns atributos chave para lidar com a complexidade do mercado atual. O estudo de Echeveste *et al.* (1999) separou esses atributos em três conjuntos: atitudes/valores, competências/habilidades e conhecimentos. Dentro de cada bloco pode-se perceber atributos que demandam diretamente e indiretamente o conhecimento de uma segunda língua, especialmente o inglês, por exemplo: eficiência em negociar e empreender, coordenar trabalho em equipe (Dependendo da empresa pode ter pessoas de diversos países), trabalhar com inovações, conhecimentos de negócios internacionais, habilidades com elementos tecnológicos e outros idiomas. Em uma visão mais geral, manter-se sempre atualizado é o desafio dos administradores modernos, principalmente em relação a tecnologia, pois a todo momento surgem novos *softwares* que auxiliam nos negócios e na indústria, e as instruções e linguagem destes, na maioria das vezes está em inglês.

Outro contexto é que este profissional está inserido em ambientes organizacionais repleto de riscos e mudanças, onde a todo momento surgem novas técnicas e ferramentas de gestão. A quarta revolução industrial, também conhecida como Indústria 4.0, já está em andamento em países desenvolvidos como a Alemanha e Estados Unidos, e nessa nova revolução, a tecnologia está sendo inserida na linha de produção e está elevando os níveis de automação e eficácia das indústrias, a exemplos das tecnologias inseridas: Internet das Coisas (IoT – *Internet of Things*), *Big data* e robôs autônomos (CARDOSO, 2016).

Nesse novo panorama, os setores da empresa passam a estar cada vez mais interligados, através dos meios digitais, maquinários modernos são implementados e os colaboradores devem se tornar aptos para trabalhar com elas, com esse cenário, devem obter competências específicas para conseguir espaço nas empresas. O Administrador é um desses profissionais que precisa buscar uma visão interdisciplinar, tendo em vista que na maioria das vezes não existem disciplinas relacionadas a Indústria 4.0 na graduação de Administração (ZILLI *et al.*, 2020).

2.3 Língua inglesa na carreira científica e acadêmica

A pesquisa é caracterizada como uma atividade internacional, tendo em vista que nenhum cientista guarda seus achados em segredo, contudo eles sempre buscam meios de transmitir as novidades para contribuir na resolução de grandes quebra-cabeças, de tal maneira que a publicação dos achados para todo o mundo deva ser em uma língua considerada franca no mundo da ciência, o inglês (MELLO, 2012).

Forattini (1997) também acredita na existência de uma “Língua franca da ciência”, que é o inglês, de forma que a pretensão ao utilizar essa língua é derrubar as barreiras que podem dificultar a comunicação entre os pesquisadores científicos na busca por conhecimento, porém esta também é utilizada para obter visibilidade e prestígio, tendo em vista que a atividade científica tem se tornado cada vez mais competitiva, almejando o interesse individual ou corporativo.

Por conseguinte, os pesquisadores que não são proficientes na língua inglesa acabam sendo injustiçados e passam a não ter tanta credibilidade e aceitação, visto que grande parte dos periódicos só publicam nesta língua e acabam recusando artigos sem levar em consideração as importantes informações que ele contém. Por isto, os pesquisadores tendem a se adaptar e deixam de publicar na sua língua nativa, caso contrário não conseguirá tanto alcance. Até mesmo estudos que dizem respeito a questões de uma nação não anglófona são publicados em inglês, mesmo sendo destinado a população nacional.

Embora exista a crítica citada acima, a internacionalização da produção científica segue em constante crescimento, pois um dos meios de considerar essa produção relevante, é através do seu nível de participação global, sendo assim, a produção científica de cada país é mais

valorizada e respeitada se for publicada em periódicos que tenham reconhecimento internacional (FIORIN, 2007).

Dessa forma, as instituições de ensino superior (IES) tem se adaptado e estão buscando se internacionalizar. Marrara (2007) acredita que esse processo na maioria das vezes acontece sobre dois aspectos: o primeiro é meramente institucional, quando as IES buscam se promover e atrair clientes, utilizando a internacionalização como marketing; o segundo aspecto seria voltado para fins acadêmicos, onde de fato a IES buscaria internacionalizar-se para contribuir com a ciência e educação, interagindo com agentes de outras nações.

Com isso, a abordagem ESP (*English for Specific Purposes*), que é o inglês ensinado especificamente para atender as necessidades do aluno em alguma área, seja ela ocupacional ou educacional, é percebida através de “duas palavras que ajudam a compreender esta modalidade de ensino: necessidade e especificidade” (VILAÇA, 2010, p. 5). Na graduação o ESP pode ser apresentado como Inglês Instrumental e dentro dessa classificação existem algumas ramificações que são voltadas para fins acadêmicos e científicos, é o caso do EAP (*English for Academic Purposes*/Inglês para Fins Acadêmicos) e, conseqüentemente, o ERPP (*English for Research Publication Purposes*/ Inglês para Fins de Publicação de Pesquisa).

O EAP diz respeito a pesquisar e lecionar o inglês voltado para atividades acadêmicas e tem crescido de forma significativa por conta de sua utilização global em pesquisas e até mesmo para empregos, apesar de contribuir diretamente para alunos não anglófonos, já que essa abordagem também contribui para os nativos que estão na graduação (CHARLES, 2012). Portanto, serve como ferramenta para auxiliar os indivíduos no meio acadêmico, seja na graduação ou pós-graduação, ajudando a ler, escrever e se apresentar, independente de qual seja a área do conhecimento que o indivíduo está inserido.

Cabe destacar que os alunos devem tornar-se indivíduos globais, mesmo que não haja a possibilidade de estudar em outro país e é nesse ponto que a internacionalização em casa contribui, uma vez que esse processo cria ambientes propícios para os estrangeiros buscarem as instituições brasileiras, permitindo que ocorra o contato e o desenvolvimento do conhecimento. Uma política que contribui com esse contexto é oferecer aulas totalmente em inglês, ou seja, o Inglês como meio de instrução (EMI), através do “uso da língua inglesa para ensinar assuntos acadêmicos em países ou jurisdições onde a primeira língua da maioria da população não é o inglês” (DEARDEN, 2014, p. 4). O EMI traz benefícios como: eleva o nível da produção científica dos países, auxilia no aprendizado da língua e ainda se torna ferramenta para difundir a cultura de um país, contudo, esse é um campo considerado novo no ambiente brasileiro e vem sendo utilizado e estudado na pós-graduação, e bem menos na graduação, enquanto em outros países já se utiliza o EMI até mesmo no ensino fundamental.

2.4 A tecnologia no aprendizado de idiomas

A língua inglesa não domina apenas o mundo dos negócios e a ciência, visto que a hegemonia desse idioma também é evidente na cultura popular, como em filmes, desenhos animados, músicas e em jogos de vídeo games ou dispositivos móveis, e isso ocorre devido ao domínio dos EUA nesses meios da cultura pop e ao fato dos outros países consumirem e serem influenciados pelos conteúdos norte-americanos, logo, desde a infância já se tem o contato com o inglês. O fato é que todas essas formas acabam se tornando meios de conhecer e aprender o idioma, como foi verificado na pesquisa de Bergoli (2020), feita com acadêmicos de uma IES pública. Uma porcentagem considerável de alunos destacou filmes, séries e músicas como forma de aprendizado, e alguns consideraram também os jogos de videogame.

É notável que a sala de aula e cursos presenciais tem papel indispensável no aprendizado, mas percebe-se que existem caminhos autônomos, maneiras alternativas que também contribuem bastante e são possibilidades que surgiram graças ao avanço da tecnologia e da internet. Nos últimos anos, a modalidade de ensino a distância (EAD) ganhou destaque, e

nesta circunstância, Vergara (2007) acredita que o ensino presencial necessita do auxílio do EAD para lidar com a diversidade de informações disponíveis.

O EAD pode contribuir na democratização do conhecimento, na medida em que aquele que quiser aprender terá a possibilidade mesmo estando distante, e é importante salientar que não tem horário certo, dado que o aluno pode realizar cursos à distância no seu tempo livre e organizar seu próprio cronograma. No período pandêmico vivido desde o final de 2019 por conta do vírus COVID-19, essa modalidade foi a solução para que as aulas não paralisassem totalmente, e desde então o crescimento de cursos à distância é constante, apresentando mais qualidade. Ressalta-se que indivíduos que não tem tanta disponibilidade de tempo também utilizam esse tipo de ensino para aprender idiomas.

Geralmente a melhor forma de aprender um idioma é estando em contato direto com ele, de maneira que o aprendizado ocorre de forma natural sem que o indivíduo perceba, no que é chamado de aquisição, processo semelhante há como as crianças aprendem uma língua (SCHÜTZ, 2002), o intercâmbio é o principal exemplo, mas sabe-se que nem toda a população tem essa oportunidade, e deste modo buscam alternativas.

Atualmente existem aplicativos e plataformas que permitem essa interação direta com os nativos e com a língua inglesa, e até mesmo disponibilizam certificados, proporcionando a muitas pessoas o aprendizado em casa de forma autodidata. A gameificação está inserida no ambiente de aprendizagem, embora não forneça o desenvolvimento total, tem contribuição significativa, como comenta Bergoli (2020, p. 46): “a combinação de atividades formais de estudo com as exposições informais à língua que pode levar a resultados mais significativos.”

Como exemplo, pode-se citar o estudo feito por Gonçalo (2022) que mostrou a eficiência do aplicativo Duolingo no aprendizado da língua inglesa, portanto, filmes, séries, aplicativos, músicas e afins, que são alternativas eletrônicas contribuem no processo de ensino-aprendizagem, mas apesar disso não são consideradas ferramentas de ensino por grande parte das escolas. Em uma visão a nível internacional, aprender com esses meios não certifica o indivíduo como proficiente na língua, mas através destes se consegue o conhecimento para passar em um teste de proficiência e obter as certificações internacionais.

3 METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma pesquisa com abordagem descritiva, por estudar as características de determinada população e verificar a opinião e percepção de uma amostra desta sobre a língua inglesa. Com base nos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa é definida como levantamento, de modo que as indagações foram feitas diretamente aos indivíduos estudados; acadêmicos de Administração de instituições de ensino superior no município de Caxias/MA. A coleta de dados ocorreu através de questionários aplicados com auxílio do Google Formulários e foi enviado aos alunos por meio do aplicativo *WhatsApp*.

A população é composta por acadêmicos de Administração de quatro IES onde as aulas são presenciais e semipresenciais, portanto, a amostra não probabilística resultou em 52 acadêmicos que responderam ao questionário disponibilizado entre os dias 24 de abril a 7 de maio de 2023. Os dados obtidos foram apresentados de forma estatística através de tabelas e gráficos criados com auxílio do *Microsoft Excel*, com base nisso, percebe-se que quanto a abordagem do problema, a pesquisa é quantitativa.

O questionário utilizado foi adaptado da pesquisa realizada no sul do Brasil em 2019, de autoria de Dias (2019), composto por 15 perguntas fechadas além do questionário sociodemográfico, indagando sobre nível de fluência, estudo no tempo livre, pretensão de atuar em outro país, seguir carreira acadêmica entre outros temas. A primeira parte do questionário foi analisada através de uma análise bivariada, onde o objetivo é entender a relação entre duas variáveis qualitativas. Com base nisso, foram feitas tabelas de contingência ou *cross-tabulation* e para verificar se as variáveis relacionadas têm alguma associação foi utilizado o teste Qui-quadrado (χ^2) realizado no Excel, onde o Valor P menor ou igual a 0,05 significa que as

variáveis são dependentes, ou seja, há associação, e se for maior significa que não há associação.

Por fim, o questionário também apresentava 06 (seis) perguntas de opinião em escala Likert, com o objetivo de mensurar os níveis de concordância. Neste estudo utilizou-se a escala de 05 (cinco) pontos partindo do menor até o maior grau de concordância. Para análise destes dados foi utilizado o cálculo do Ranking Médio (RM) proposto por Oliveira (2005), onde atribuem-se valores de 1 a 5 a cada resposta, assim trazendo a possibilidade de calcular a média ponderada de cada uma e posteriormente o RM, logo, valores abaixo de 3 são considerados discordantes enquanto acima de 3 são considerados concordantes, o valor exato em 3 significa neutro.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Dados sociodemográficos

A seguir constam algumas características dos 52 acadêmicos de Administração analisados na pesquisa. Quanto ao gênero, estão divididos de forma bem equilibrada, 51,9% (27) do gênero feminino e 48,1% (25) do gênero masculino. Em relação a faixa etária tem-se os dados na Tabela 1.

Tabela 1 – Idade dos acadêmicos.

	Frequência	Porcentagem
De 18 a 24 anos	35	67,31%
De 25 a 34 anos	12	23,08%
De 35 a 44 anos	5	9,62%
Total	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A amostra pode ser considerada jovem, pois a maioria dos respondentes estão na faixa etária de 18 a 24 anos, totalizando 67,31%. Apenas 5 acadêmicos estão na categoria de 35 a 44 anos. Com o intuito de entender possíveis relações entre o curso de graduação e outras variáveis da pesquisa, questionou-se sobre o período que os acadêmicos se encontram, os dados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Período.

	Frequência	Porcentagem
1º Período	13	25,00%
2º Período	5	9,62%
4º Período	3	5,77%
5º Período	5	9,62%
6º Período	3	5,77%
7º Período	17	32,69%
8º Período	6	11,54%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

É possível observar que os acadêmicos que mais responderam estão inseridos no primeiro período, com o total equivalente a 25% do total e no sétimo período com 32,69% de respondentes. Diante desses dados, torna-se possível analisar a visão, em relação a língua inglesa, daqueles que estão iniciando no curso e daqueles que estão concluindo.

Tabela 3 – Trabalha na área de Administração?

	Frequência	Porcentagem
Não	33	63,46%
Sim	19	36,54%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Para entender a situação dos acadêmicos em relação ao mercado de trabalho e analisar a relação dessa variável com os objetivos da pesquisa, buscou-se verificar se a amostra trabalha

ou não em áreas da administração. Observa-se na Tabela 3 que grande parte dos estudantes ainda não trabalham na mesma área que estuda, um total de 63,46%.

4.2 Análise de dados cruzados

Nesta seção foram analisados os dados do questionário, onde algumas variáveis foram cruzadas com o auxílio do programa Microsoft Excel com objetivo de verificar as relações existentes entre elas. A Tabela 4 apresenta informações sobre como os respondentes se consideram em relação ao entendimento da língua inglesa.

Tabela 4 – Nível de entendimento da língua inglesa.

	Frequência	Porcentagem
Consigo entender o sentido do texto, mas não falo nem escrevo	17	32,69%
Consigo entender textos mais complexos, escrevo bem e falo bem	1	1,92%
Entendo o sentido do texto, escrevo razoavelmente e falo razoavelmente	12	23,08%
Não escrevo, não leio e não falo em inglês	22	42,31%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Pode-se perceber na Tabela 4, em relação ao nível de entendimento, que 42,31% da amostra não compreende nem mesmo o básico desse idioma, por outro lado mais da metade conseguem ter pelo menos entendimento do texto e até mesmo da fala. Para entender melhor essa questão e seus dados, analisou-se a relação entre ela e a variável faixa etária, apresentada na Tabela 5.

Tabela 5 – Nível de entendimento x faixa etária.

Nível de entendimento da língua inglesa	Faixa etária			Total Geral
	De 18 a 24 anos	De 25 a 34 anos	De 35 a 44 anos	
Consigo entender o sentido do texto, mas não falo nem escrevo	40,00%	25,00%	0,00%	32,69%
Consigo entender textos mais complexos, escrevo bem e falo bem	2,86%	0,00%	0,00%	1,92%
Entendo o sentido do texto, escrevo razoavelmente e falo razoavelmente	25,71%	25,00%	0,00%	23,08%
Não escrevo, não leio e não falo em inglês	31,43%	50,00%	100,00%	42,31%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Percebe-se que a maioria dos jovens de 18 a 24 anos se consideram com conhecimento para entender um texto em inglês, embora 31,43% não tenham nenhum conhecimento da língua inglesa. Conforme aumenta a idade é possível notar que o entendimento do inglês diminuiu entre os participantes da pesquisa, de todos que estão entre 25 e 34 anos 50% marcaram a opção “Não escrevo não leio e não falo inglês”, e dos indivíduos entre 35 e 44 anos a relação também segue o mesmo padrão, 100% destes também não entendem o básico do idioma.

Diversos fatores estão relacionados ao aprendizado de uma segunda língua, sabe-se que os jovens aprendem com mais facilidade pelo processo de aquisição, algo semelhante à forma natural que as crianças aprendem, podendo aprender de forma alternativa até mesmo ouvindo música, assistindo filmes e séries além de jogos, sem contar que tem mais facilidade com ferramentas tecnológicas para buscar o aprendizado (BERGOLI, 2020). Quanto aos adultos, não é tão fácil aprender o idioma estrangeiro pelo processo de aquisição, mas é possível se tornar fluente, porém para eles é necessária uma motivação externa para se buscar esse aprendizado, como por exemplo, morar em outro país. Schütz (2003) define esse tipo de motivação como direta e destaca que é necessário um objetivo para que possa surgir essa motivação.

Diante disso, na Tabela 6 apresenta-se a questão que buscou entender se os acadêmicos dedicam algum tempo para estudar e aprender o idioma em destaque nesta pesquisa, podendo-se depreender que a maioria não estuda inglês no tempo livre.

Tabela 6 – Tempo por semana que costuma se dedicar ao aprendizado do inglês.

	Frequência	Porcentagem
1 hora a 1:30h	1	1,92%
30 minutos a 1 hora	2	3,85%
Até 30 minutos	4	7,69%
Mais do que 1:30h	2	3,85%
Não estudo inglês no meu tempo livre	43	82,69%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A seguir, analisou-se a variável tempo semanal de estudo em relação a faixa etária da amostra, conforme os resultados apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 – Tempo semanal de estudo x faixa etária.

Faixa etária	Tempo semanal de estudo				Não estudo inglês no meu tempo livre	Total Geral
	1h a 1:30h	30 min a 1h	Até 30 min	Mais do que 1:30h		
De 18 a 24 anos	2,86%	2,86%	8,57%	5,71%	80,00%	100,00%
De 25 a 34 anos	0,00%	8,33%	8,33%	0,00%	83,33%	100,00%
De 35 a 44 anos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	100,00%	100,00%
Total Geral	1,92%	3,85%	7,69%	3,85%	82,69%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os dados demonstram que todos os acadêmicos de 35 a 44 anos não estudam inglês no seu tempo livre, e isso contribui com o fato de não entenderem ao menos o básico do inglês, como foi mostrado na Tabela 5. No entanto, observa-se que um grande número dos acadêmicos entre 18 a 24 anos que também não estudam, mas conseguem entender ao menos o sentido do texto, o que significa que podem ter aprendido no ensino médio, em algum curso durante a sua vida ou de forma alternativa e autodidata com observações diárias, até mesmo em seus smartphones através das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), pois dentro das TDICs tem-se as redes sociais. De Jesus e Teixeira (2021) destacam que o aprendizado também ocorre com as redes sociais, através do contato com palavras em outros idiomas 24 horas por dia e com pessoas de todo o mundo.

Em seguida, buscou-se entender se, de alguma maneira, os alunos evoluem no inglês durante a graduação. Para isso verificou-se a variável nível de entendimento da língua relacionada com o período em que os acadêmicos estão no momento. Na Tabela 8 se observa os resultados, onde para esta análise houve o agrupamento dos períodos em dois conjuntos, a primeira metade do curso (1° ao 4° período) e a segunda (5° ao 8° período). É possível notar que os acadêmicos que estão na fase inicial da graduação tem um melhor entendimento do inglês do que aqueles que estão mais próximos do final do curso, tais números nos levam a crer que faltam melhores estímulos e mais investimentos por parte das instituições onde esses universitários estão inseridos, de modo que seria possível aperfeiçoar o conhecimento já existente na geração de acadêmicos que estão ingressando atualmente no curso de Administração. Ressalta-se que o Administrador atual deve ser um profissional global e o conhecimento de uma língua franca contribui bastante.

Tabela 8 – Nível de entendimento x períodos.

Nível de entendimento da língua inglesa	Períodos	
	1° ao 4°	5° ao 8°
Consigo entender o sentido do texto, mas não falo nem escrevo	47,62%	22,58%
Consigo entender textos mais complexos, escrevo bem e falo bem	0,00%	3,23%
Entendo o sentido do texto, escrevo razoavelmente e falo razoavelmente	23,81%	22,58%
Não escrevo, não leio e não falo em inglês	28,57%	51,61%
Total Geral	100,00%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A Tabela 9 traz dados que podem ajudar a entender mais sobre a existência ou não de incentivo por parte das faculdades no aprendizado da língua inglesa. Do total de respondentes, 75% afirmaram não ter disciplinas sobre este idioma na grade curricular, nem ao menos cursos de extensão.

Tabela 9 – IES oferece algum curso de extensão ou disciplina sobre Língua Inglesa para os alunos?

	Frequência	Porcentagem
Não	39	75,00%
Sim	13	25,00%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A pesquisa também procurou verificar quais as pretensões dos universitários em relação a carreira acadêmica e científica. Desta maneira, foi questionado aos respondentes sobre pós-graduação, onde 50% têm interesse em fazer pós-graduação lato sensu, ou seja, especialização, enquanto 40,38% desejam fazer MBA e cursos stricto sensu que incluem mestrado e doutorado. Percebe-se que a grande maioria pretende continuar buscando conhecimento através dos estudos, conforme os resultados observados na Tabela 10.

Tabela 10 – Planos sobre pós-graduação.

	Frequência	Porcentagem
Não pretendo cursar pós-graduação	5	9,62%
Pretendo cursar doutorado	4	7,69%
Pretendo cursar especialização	26	50,00%
Pretendo cursar MBA (<i>Master in Business Administration</i>)	9	17,31%
Pretendo cursar mestrado	8	15,38%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os dados das Tabelas 9 e 10 foram relacionadas para entender o impacto de ofertar ou não disciplinas e cursos de língua inglesa na grade curricular, tendo em vista que é o idioma dominante nos negócios e na ciência. A Tabela 11 apresenta os resultados.

Tabela 11 – IES oferece disciplina de Inglês x Planos sobre pós-graduação.

Planos sobre pós-graduação	IES oferece disciplina de Inglês		Total Geral
	Não	Sim	
Não pretendo cursar pós-graduação	3,85%	5,77%	9,62%
Pretendo cursar doutorado	5,77%	1,92%	7,69%
Pretendo cursar especialização	34,62%	15,38%	50,00%
Pretendo cursar MBA (<i>Master in Business Administration</i>)	17,31%	0,00%	17,31%
Pretendo cursar mestrado	13,46%	1,92%	15,38%
Total Geral	75,00%	25,00%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Nos dados cruzados, demonstrados na Tabela 11, pode-se verificar que o grande número de acadêmicos que pretendem cursar pós graduação estão inseridos em Instituições de ensino superior que não oferecem disciplina de inglês, a maior porcentagem está em opções que não são exigidas a proficiência no idioma como especialização e MBA, apesar disso, o resultado não é positivo pois atualmente se vive a internacionalização do ensino superior e com ela as IES buscam elevar o nível da sua produção científica através de publicações internacionais e assim muitas já tem se alinhado aos padrões globais de ensino, o que afeta tanto cursos lato sensu quanto stricto sensu. Portanto, o papel das faculdades e universidades deve ser de preparar os acadêmicos para uma futura pós-graduação totalmente internacionalizada, e o inglês se faz necessário.

Buscou-se confirmar se os graduandos já fizeram algum curso de inglês, considerando até mesmo a modalidade EAD. Os resultados são apresentados na Tabela 12.

Tabela 12 – Fez ou está fazendo algum curso de inglês.

	Frequência	Porcentagem
Não	39	75,00%
Sim, EAD	2	3,85%
Sim, presencial	8	15,38%
Sim, presencial e EAD	3	5,77%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Percebe-se pela Tabela 12 que a maioria dos graduandos nunca teve interesse em buscar um curso de inglês (75%). Até mesmo a modalidade EAD foi utilizada por poucos alunos, destacando que esta se tornou mais popular durante a pandemia do Covid-19, entretanto poucos acadêmicos de Administração do município buscaram um curso do idioma. Com base nestes resultados, buscou-se analisar a relação dos dados da Tabela 12 com os dados da Tabela 9, e os resultados podem ser vistos na Tabela 13.

Tabela 13 – IES oferece disciplina de inglês x Fez curso de inglês.

Fez curso de inglês	IES oferece disciplina de Inglês		Total Geral
	Não	Sim	
Não	63,46%	11,54%	75,00%
Sim, EAD	3,85%	0,00%	3,85%
Sim, presencial	5,77%	9,62%	15,38%
Sim, presencial e EAD	1,92%	3,85%	5,77%
Total Geral	75,00%	25,00%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Até aqui foi visto que os acadêmicos não buscaram o aprendizado da Língua Inglesa através de cursos, e é certo que existem vários fatores que podem acarretar isso, que será visto posteriormente, mas o que chama atenção é que grande parte desses alunos estão inseridos em Instituições que também não oferecem disciplinas de inglês durante a graduação. Por meio destes resultados, entende-se que as IES poderiam exercer o papel de representar o primeiro contato desses indivíduos com um segundo idioma e preparara-los para serem futuros administradores com possibilidade de atuar em diversas áreas, tanto nos negócios quanto na ciência. Portanto seria interessante oferecer abordagens como o inglês para negócios, EAP (*English for Academic Purposes*/Inglês para Fins Acadêmicos) e o ERPP (*English for Research Publication Purposes*/ Inglês para Fins de Publicação de Pesquisa).

Dowle (2018), em um estudo feito em parceria com o *British Council*, afirmou que no Brasil existe uma crescente de cursos superiores oferecendo disciplinas de língua inglesa, e estas instituições de ensino estão entendendo que isso é necessário para se tornar relevante no meio acadêmico global, além disso, o então diretor do *British Council* no Brasil comenta que o número ainda iria crescer nos anos seguintes. A realidade no município de Caxias/MA também já vem sendo atingida, porém de forma mais lenta, pois, de acordo com as estatísticas obtidas dos respondentes nem todas as instituições estão se adaptando a essa crescente, não estimulando os alunos ao aprendizado do idioma.

Algumas variáveis foram cruzadas para entender melhor a situação dos acadêmicos e as pretensões em relação ao mercado de trabalho e os estudos, lembrando que 63,46% não trabalha na área da Administração até o momento. Na Tabela 14 se apresentam os resultados.

A porcentagem que mais se destaca mostra que 63,64% daqueles que não trabalham na área desejam fazer especialização, provavelmente, para buscar uma vaga de trabalho melhor e mais vantajosa para suprir suas necessidades pessoais e profissionais. Quanto a todos os dados, percebe-se que grande parte de ambos os grupos, os que trabalham e os que não trabalham no campo administrativo, desejam fazer algum tipo de pós-graduação, o que significa que pretendem crescer nessa carreira.

Tabela 14 – Trabalha na área de Administração x pós-graduação.

Pós-graduação	Trabalha na área de Administração?		Total Geral
	Não	Sim	
Não pretendo cursar pós-graduação	9,09%	10,53%	9,62%
Pretendo cursar doutorado	3,03%	15,79%	7,69%
Pretendo cursar especialização	63,64%	26,32%	50,00%
Pretendo cursar MBA (<i>Master in Business Administration</i>)	9,09%	31,58%	17,31%
Pretendo cursar mestrado	15,15%	15,79%	15,38%
Total Geral	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Com base na análise da Tabela 14, percebe-se que os universitários têm uma visão positiva para lidar com a competitividade existente no mercado de trabalho atual, porém sabe-se que a globalização tem exigido uma gama de habilidades técnicas aos Administradores modernos e dentre elas, o domínio de uma segunda língua. Até aqui, notou-se que essa habilidade em si tem sido pouco estimulada, tanto pelos indivíduos quanto por algumas instituições de ensino superior.

Tabela 15 – Se imagina trabalhando em uma empresa do exterior futuramente?

	Frequência	Porcentagem
Não	32	61,54%
Sim	20	38,46%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Sobre a pretensão de trabalhar em uma empresa do exterior, a Tabela 15 demonstra que 61,54% não tem esse desejo no momento, mas tem-se um número considerável que afirmou ter essa pretensão, e para entender melhor o grupo que tem interesse relacionou-se essa questão com a variável nível de entendimento da Língua Inglesa, no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Nível de entendimento de inglês x pretensão de atuar em empresa do exterior

Fonte: Dados da pesquisa (2023).



De certa forma, existe um ponto positivo nesta estatística, pois cerca de 65% do total de acadêmicos que se imaginam trabalhando em uma empresa do exterior no futuro tem entendimento do inglês, muitos até mesmo falam razoavelmente e isso com certeza seria aprimorado se fossem trabalhar no exterior.

Com o intuito de conhecer um pouco mais do mercado de trabalho da região e suas exigências, interrogou-se sobre a perda de oportunidades por não dominar o idioma estudado, e na Tabela 16 constam os resultados.

Tabela 16 – Você já perdeu alguma oportunidade de emprego por não dominar a Língua Inglesa?

	Frequência	Porcentagem
Não	45	86,54%
Sim	7	13,46%
Total Geral	52	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A grande maioria afirmou nunca ter se prejudicado em processos seletivos de emprego por não possuir domínio do inglês, tendo em vista que ainda não se formaram, pode-se concluir que o mercado de trabalho da região não exige uma segunda língua daqueles que ainda não possuem nível superior. As empresas quase sempre contam com parcerias com as organizações de ensino com o intuito de estimular a produção de mão de obra qualificada, ou seja, a IES também prepara seus alunos para suprir as demandas do mercado local. Tendo em vista que no município estudado algumas Instituições não oferecem disciplinas sobre língua inglesa, pode-se depreender que as empresas também não exigem o segundo idioma aos indivíduos que já se formaram. Portanto, subentende-se que o mercado de trabalho da região também não incentiva a evoluir no idioma.

Questionou-se também sobre a pretensão de fazer um intercâmbio futuramente, onde 57,69% responderam que sim e 42,31% marcaram que não pretendem. Buscou-se entender esses dados em relação a instituição que os acadêmicos estão inseridos, relacionando com a variável “IES oferece disciplina de inglês”, obteve-se os dados da Tabela 17.

Tabela 17 – IES oferece disciplina de inglês x Intercâmbio.

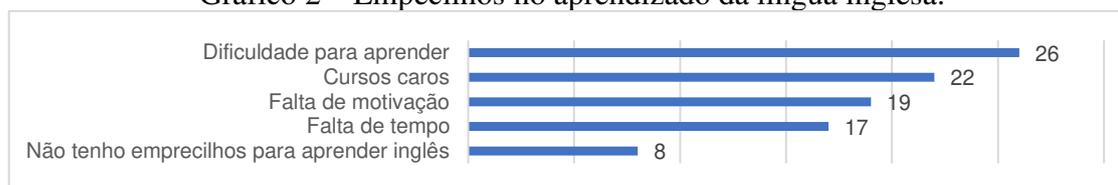
IES oferece disciplina de inglês	Pretende fazer intercâmbio		Total Geral
	Não	Sim	
Não	26,92%	48,08%	75,00%
Sim	15,38%	9,62%	25,00%
Total Geral	42,31%	57,69%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A informação que se destaca na Tabela 17 é o fato de 48,08% do total de acadêmicos que desejam fazer intercâmbio estarem matriculados em instituições de ensino que não oferecem disciplina de língua inglesa, essa informação fortalece a importância de ofertar disciplinas de idiomas na matriz curricular e atender a demanda desses alunos que buscam um intercâmbio futuramente, ser eficaz em prepará-los para esse objetivo também pode servir como marketing para atrair novos acadêmicos que tem o mesmo pensamento dos indivíduos aqui estudados, vale lembrar que existem acadêmicos que podem querer intercâmbio em países não anglófonos, portanto existem mercados a serem atendidos no que diz respeito a idiomas.

Por fim, procurou-se identificar quais os pontos que mais interferem no aprendizado do inglês, na visão dos acadêmicos do município de Caxias/MA. Nesta questão foi permitido marcar mais de uma alternativa, o Gráfico 2 apresenta os resultados.

Gráfico 2 – Empecilhos no aprendizado da língua inglesa.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O principal empecilho, segundo a amostra, é a dificuldade para aprender, seguida de cursos caros e falta de motivação. O estudo feito por Umbelino (2021) com alunos do EJA encontrou dados semelhantes, onde os alunos tinham alto grau de dificuldade e pouca motivação para aprender a língua inglesa, e dentre as barreiras encontradas na pesquisa tem alguns dados correspondentes aos encontrados aqui, a exemplo da formação docente e a baixa carga horária de estudos. Os acadêmicos que compõem a amostra deste estudo não dedicam tempo para aprender inglês e considerando o nível de entendimento da maioria, provavelmente tiveram professores que utilizaram abordagens ineficientes de ensino. A solução aplicada pela autora supracitada foi utilizar as TICs, criando um aplicativo que ao final trouxe resultados positivos no aprendizado do idioma. Vale ressaltar que utilizar a tecnologia para aprender, também pode ser uma solução para a questão dos cursos caros e até mesmo para a falta de

tempo, alternativas que também foram marcadas, pois hoje tem-se a internet na palma da mão e ela abre portas para buscar conhecimento.

Por fim, buscou-se analisar se as variáveis relacionadas acima têm alguma associação, para isso realizou-se o teste Qui-quadrado no programa Excel, o valor resultante do cálculo chama-se de Valor P, se esse valor for menor ou igual a 0,05 (Nível de significância) significa que as variáveis têm associação.

Nas variáveis apresentadas na Tabela 13 que são: IES oferece disciplina de inglês x já fez curso de inglês foram identificados níveis estatísticos de associação pois o valor P encontrado foi menor que 0,05, os dados constam na Tabela 18. Conclui-se que uma variável depende e influencia a outra, portanto o fato da Instituição de Ensino Superior oferecer disciplina sobre língua inglesa pode influenciar os alunos a buscarem cursos sobre o idioma.

Tabela 18 – Resultado do teste Qui-quadrado.

Já fez curso de inglês	IES oferece disciplina de Inglês						Valor P
	Não		Sim		Total		
	N	%	N	%	N	%	0,01
Não	33	0,63	6	0,12	39	0,75	
Sim, EAD	2	0,04	0	0,00	2	0,04	
Sim, presencial	3	0,06	5	0,10	8	0,15	
Sim, presencial e EAD	1	0,02	2	0,04	3	0,06	
Total Geral	39	0,75	13	0,25	52	1	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A segunda análise que obteve níveis estáticos de associação encontra-se na Tabela 14, as variáveis são: Trabalha na área de Administração x pós-graduação. O valor P encontrado foi igual a 0,05 (Resultado na Tabela 19) assim rejeita-se a hipótese nula e pode-se afirmar que uma variável depende e influencia a outra. Portanto trabalhar ou não na área de Administração pode influenciar na busca por uma pós-graduação, reafirmando que os acadêmicos pretendem continuar estudando na área da Administração, e o domínio do segundo idioma, em especial o inglês contribui bastante para crescer e se destacar nesse ramo. Como pesquisador, é possível compartilhar as pesquisas de forma global através dessa língua, e como gestor, se torna possível ter uma visão de mundo e das tendências mais inovadoras existentes e desta forma gerenciar uma empresa da melhor maneira.

Tabela 19 – Resultado do teste Qui-quadrado.

Sobre pós-graduação	Trabalha na área de Administração?			Valor P
	Não	Sim	Total Geral	
Não pretendo cursar pós-graduação	3 (9,09%)	2 (10,53%)	5 (9,62%)	0,05
Pretendo cursar doutorado	1 (3,03%)	3 (15,79%)	4 (7,69%)	
Pretendo cursar especialização	21 (63,64%)	5 (26,32%)	26 (50,00%)	
Pretendo cursar MBA	3 (9,09%)	6 (31,58%)	9 (17,31%)	
Pretendo cursar mestrado	5 (15,15%)	3 (15,79%)	8 (15,38%)	
Total Geral	33 (100%)	19 (100%)	52 (100%)	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quanto às demais variáveis que foram relacionadas nesta seção, o cálculo do Qui-quadrado não obteve significância, portanto não existe evidências estatísticas suficientes para afirmar que as variáveis dependem uma da outra e pode-se dizer que as frequências obtidas foram devido ao acaso. Apesar de não existir evidências suficientes de associação nas demais análises não se deve desconsiderá-las, pois a associação também depende de outros fatores.

4.3 Análise em escala Likert

A última parte do questionário contou com 6 questões com opção de resposta em uma Escala Likert de 5 pontos de concordância, onde 1=Discordo totalmente, 2=Discordo, 3=Neutro, 4=Concordo e 5=Concordo totalmente. Com esse instrumento, se buscou avaliar o nível de concordância dos acadêmicos em relação a algumas afirmações relacionadas ao idioma inglês. A Tabela 20 apresenta as questões e seu respectivo Ranking Médio.

Tabela 20 – Ranking Médio.

Questões	Frequência de respostas					RM
	1	2	3	4	5	
1 Eu vejo o inglês como uma língua fundamental para qualquer pessoa.	0	3	4	24	21	4,21
2 Eu vejo o inglês como indispensável para a carreira do administrador.	3	4	10	18	17	3,81
3 Meu curso de graduação tem me mostrado a importância de aprender a língua inglesa.	1	11	14	20	6	3,37
4 Eu considero aprender a língua inglesa como ferramenta importante para meu futuro profissional e acadêmico.	0	2	5	29	16	4,13
5 Eu considero aprender a língua inglesa como ferramenta importante para meu futuro pessoal.	0	2	2	30	18	4,23
6 Eu considero filmes, séries, músicas, aplicativos e jogos como formas de aprender inglês.	0	5	6	19	22	4,12
Total	4	27	41	140	100	3,98

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A primeira afirmativa foi *Eu vejo o inglês como uma língua fundamental para qualquer pessoa* e teve um nível alto de concordância (RM = 4,21) portanto os acadêmicos reconhecem a importância do idioma, provavelmente por saberem o quanto ele vem sendo utilizado e as diversas oportunidades que oferece. Na afirmativa *Eu vejo o inglês como indispensável para a carreira do administrador* houve nível médio para alto de concordância (RM = 3,81), porém um pouco menor que a afirmativa anterior. A análise deste valor demonstra que, apesar do mercado de trabalho da região não exigir o idioma para obter cargos na área de Administração, a maioria dos alunos não consideram o inglês como indispensável e consideram a existência da internacionalização das empresas e da ciência.

Os dados da afirmativa 3 podem confirmar algumas observações comentadas anteriormente nesta seção, pois de fato uma parte dos acadêmicos não se sentem estimulados pelo seu curso a evoluir no idioma pois apesar do Ranking Médio ter sido positivo (3,37), também foi o menor dentre todos os resultados. Isso contribui para o baixo nível de conhecimento da língua inglesa encontrado nesta pesquisa e conseqüentemente para o baixo nível de proficiência no idioma. As questões 4 e 5 foram sobre a importância da língua inglesa para o futuro pessoal; e profissional e acadêmico. O RM de ambas também teve nível de concordância alto. Percebe-se que os respondentes têm a visão certa em relação a um segundo idioma, faltando apenas empenho para buscar o conhecimento, afinal, deve-se lembrar que o Administrador da atualidade está diante da quarta Revolução Industrial onde as mudanças são constantes e por conseguinte, se deve ter uma visão além dos parâmetros da faculdade, ou seja, uma visão interdisciplinar como comentam Zilli *et al.* (2020).

A última afirmativa foi sobre a possibilidade de aprender utilizando a tecnologia e as mídias, através de filmes, séries, músicas e jogos. O Ranking Médio foi de 4,12, ou seja, os acadêmicos de Administração concordam com essa forma inovadora de ensino e aprendizagem, resultado que vai de acordo com muitos estudos já realizados sobre essa abordagem (BERGOLI, 2020; GONÇALO, 2022; DE JESUS; TEIXEIRA, 2021; UMBELINO, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os principais resultados desta pesquisa, destaca-se o fato dos alunos que estão em períodos iniciais do curso terem mais noção do inglês do que aqueles que estão no final do curso, tal fato responde um dos objetivos específicos e constata que os discentes do município não evoluem no idioma durante o curso superior, e fica evidente o fato dos indivíduos estudados não se sentirem estimulados pela sua IES a evoluir quanto ao domínio da língua inglesa. Pressupõe-se que algumas instituições têm desconsiderado o cenário da internacionalização das empresas e da ciência, além da atual Quarta Revolução Industrial, fatores estes que exigem o domínio da língua inglesa por parte de um Administrador. Se a realidade muda, as instituições

de ensino devem se adaptar e agregar novas práticas para formar profissionais qualificados que possam atuar no cenário complexo da atualidade.

Apesar disso, foi possível verificar que os acadêmicos têm entendimento da importância da Língua Inglesa para seu futuro pessoal, profissional e acadêmico. Portanto, é necessário mitigar a falta de incentivos para superar as dificuldades no aprendizado, que deve surgir de si mesmo e principalmente da instituição que estão inseridos. À vista disso, constatou-se que os acadêmicos possuem uma percepção positiva desse idioma, principalmente os mais jovens.

Os resultados reunidos nesta pesquisa podem servir de parâmetro para uma possível adaptação da matriz curricular das instituições de ensino superior da região, ou seja, passar a oferecer disciplinas ou cursos de extensão sobre o idioma, tanto inglês para negócios quanto para pesquisa científica, mesmo que seja de forma optativa ou eletiva. Desta forma, pode-se trazer algum nível de internacionalização para o município e preparar os acadêmicos para o mercado global. É importante destacar que os indivíduos que responderam ao questionário consideram as tecnologias e as mídias como forma de aprendizado e isso pode ser utilizado pelos professores como metodologia de ensino. As informações aqui encontradas também podem servir de apoio para cursos de idiomas em geral e até mesmo como incentivo para a criação de aplicativos para esse determinado público. Dessarte, pode-se elevar o nível de proficiência na língua inglesa em todo o estado do Maranhão, que é classificado como baixo e de certa forma elevar a produção científica brasileira a níveis globais.

Alguns pontos podem ser considerados como limitantes da pesquisa, o ponto principal trata-se da amostra que de certa forma foi uma quantidade pequena, impossibilitando níveis mais altos de confiabilidade nas análises estatísticas, também se notou a escassez de estudos sobre a língua inglesa em relação ao mercado de trabalho da cidade e região.

Portanto, em relação às futuras investigações, recomenda-se a realização de estudos com uma amostra maior e com a possibilidade de abranger mais de um município, e até mesmo, buscar entender se existe exigência de inglês no mercado de trabalho das regiões interioranas dos estados do país.

REFERÊNCIAS

- BERGOLI, P. P. **Análise de necessidades relativas ao inglês para fins acadêmicos (IFA) em uma instituição de ensino superior (IES) pública brasileira**. 2020. Dissertação (Mestrado em letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.
- CANCLINI, N. G. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- CARDOSO, M. O. **Indústria 4.0: a quarta revolução industrial**. 2016. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Automação Industrial) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- CHARLES, M. **English for academic purposes**. In: The handbook of English for specific purposes, p. 137-153, 2012.
- CIGNACCO, B. R. **Fundamentos de comércio internacional**. Saraiva Educação AS, 2009.
- DE JESUS, D. A.; TEIXEIRA, G. M. I. As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICS) no ensino da língua inglesa no ensino médio. **Apoena Revista Eletrônica**, v. 1, 2021.
- DEARDEN, J. **English as a medium of instruction - a growing global phenomenon**. British Council, 2014.
- DIAS, W. A. M. **A percepção dos alunos e professores de Administração da Antônio Meneghetti Faculdade sobre a língua inglesa para o exercício profissional e acadêmico do administrador**. 2019. Monografia (Graduação em Administração) – Faculdade Antônio Meneghetti, Recanto Maestro-Restinga Sêca, 2019.
- DOS SANTOS, M. E.; DOS SANTOS, M. E. M. **Qualificação profissional e aquisição de fluência da língua inglesa através de programas de intercâmbio**. Curso de Secretariado Executivo Bilíngue, p. 35, 2008.

DOWLE, M. **Guide to English as a Medium of Instruction in Brazilian Higher Education Institutions 2018-2019**. Manchester: British Council, 2018. 62 p.

ECHEVESTRE, S. *et al.* Perfil do executivo no mercado globalizado. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 3, p. 167-186, 1999.

EDUCATION FIRST (EF). **Índice de Proficiência em inglês da EF 2021**. EF Education First, Disponível em: <https://www.ef.com.br/epi/>. Acesso em: 15 out. 2022

FIORIN, J. L. Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 4, n. 8, 2007.

FORATTINI, O. P. A língua franca da ciência. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 3-8, 1997.

GONÇALO, C. M. Duolingo: uma promessa de aprendizado gratuito de língua inglesa—uso com adolescentes do 1º ano do ensino médio em duas escolas de Almenara-MG. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, p. 13-114, 2022.

HELD, D.; MCGREW, A. **Prós e contras da globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MACADAR, B. M. Os investimentos Diretos no exterior dos países em desenvolvimento e a Experiência brasileira recente. **Indic. Econ. Fee**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 29-36, fev. 2008.

MARRARA, T. Internacionalização da Pós-Graduação: objetivos, formas e avaliação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 4, n. 8, 2007.

MELLO, M. **Em que idioma devo publicar?** Sobrevivendo na ciência, Brasil, 13 mar. 2012. Disponível em: <https://marcoarmello.wordpress.com/2012/03/13/em-que-idioma-devo-publicar/>. Acesso em: 27 out. 2022.

OLIVEIRA, L. H. **Exemplo de cálculo de Ranking Médio para Likert**. Notas de Aula. Metodologia científica e técnicas de pesquisa em Administração. Mestrado em Adm. e desenvolvimento organizacional. PPGA CNEC/FACECA: Varginha, 2005

PILATTI, A.; SANTOS, M. E. M. O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado. **Secretariado Executivo em Revista**, v. 4, n. 4, p. 1-16, 2011.

PIRES, E. C. R. **A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização**. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança (Série Estudos; 67), 2002.

SCHÜTZ, R. E. **Assimilação Natural x Ensino Formal**. English Made in Brazil, 2002. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SCHÜTZ, R. E. **Motivação e Desmotivação no Aprendizado de Línguas**. English Made in Brazil, 2003. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-motiv.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SOUZA, E. C. L.; FENILI, R. R. Internacionalização de empresas: perspectivas teóricas e agenda de pesquisa. **Revista de Ciência da Administração**, v. 14, n. 33, p. 103-118, ago., 2012.

UMBELINO, M. L. M. **Inglês na palma da mão: o ensinar e o aprender através de um aplicativo móvel desenvolvido para alunos do Proeja**. 2021. Dissertação. (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2021.

VERGARA, S. C. Estreitando relacionamentos na educação a distância. **Cadernos EBAPE.BR**. v.5, Nº esp. Rio de Janeiro, 2007.

VILAÇA, M. L. C. English for Specific Purposes: fundamentos do ensino de inglês para fins específicos. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 9, n. 34, p. 1-12, 2010.

ZILLI, J. C. *et al.* Competências e habilidades da indústria 4.0 no contexto dos cursos de Administração e Comércio Exterior. **P2P E INOVAÇÃO**, v. 7, n. 1, p. 50-69, 2020.